

**Mídia e socialidade:
O “caso Fernanda Ellen” e a conversação em rede¹**

***Media and sociality:
“Fernanda Ellen case” and the network conversation***

Siméia Rêgo de OLIVEIRA²

Resumo

O “caso Fernanda Ellen” tratou-se do desaparecimento de uma menina de 12 anos, em João Pessoa, capital da Paraíba, cujo desfecho gerou comoção na cidade: após três meses desaparecida, a polícia descobre que a menina foi sequestrada e assassinada por um vizinho. Tornou-se relevante, então, observar os compartilhamentos de *posts* no Facebook referentes ao desaparecimento de Fernanda, bem como a migração da conversação entre ferramentas como o Twitter e o Blog. Assim, este artigo lança um olhar sobre essa comunicação mediada pelo computador na perspectiva de conversação em rede (RECUERO, 2012). Para tanto, considera o recurso teórico-metodológico da fenomenologia e o procedimento metodológico de análise dos *posts* pela observação não participante.

Palavras-chave: socialidade; conversação em rede; caso Fernanda Ellen.

Abstract

“Fernanda Ellen case” has become known in João Pessoa, capital city of Paraíba, Brazil, because of disappearance of a 12-year-old girl. The result of this case: after three months gone, the police discovered that the girl was kidnapped and murdered by a close neighbor, he lived to 16 steps from her house. This case has generated repercussions in the city. Thereby, was observed share posts on Facebook about her disappearance and the conversation who migrated from Facebook to Twitter. Thus, this paper noticed computer mediated communication, from the perspective of network conversation (RECUERO). Therefore, this paper considers research technique non-participant observation in addition to phenomenology and analysis of posts like methodological procedure.

Keywords: sociality; network conversation; Fernanda Ellen case.

¹ Trabalho apresentado no GP Cibercultura, XIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, em Manaus, AM.

² Mestre em Comunicação no Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal da Paraíba - PPGC/UFPB. E-mail: simeia.rego@gmail.com.

Introdução

A interação sujeito-computador pode ser entendida como um novo espaço de encenação. Sobretudo, porque a utilização de *software* social, conforme aponta Raleiras (2007)³, do qual o Orkut⁴ e o Facebook são os mais populares, tem gerado grande impacto na estruturação da vida socioafetiva das pessoas.

No contexto das novas tecnologias e o cotidiano o computador se apresenta como parceiro ideal, na sua organização. Como exemplo, tem-se a dona de casa que acessa a internet em busca de receitas ou novas dicas de uso dos ingredientes visando uma agradável refeição para sua família. São percebidos, nesses casos, usos e apropriações (RECUERO, 2012) das ferramentas ou sites de redes sociais (SRS) no cotidiano.

Na perspectiva dos usos dos meios de comunicação digitais nas “expressões da rotina da vida social cotidiana” (GIDDENS, 2009, p.42) do interagente⁵, horizontalizou-se a perspectiva do produtor de conteúdo e da audiência. Assim, no “caso Fernanda Ellen”, os usos desses meios de comunicação como a conversação em rede são o enfoque dessa pesquisa.

A conversação em rede apresenta-se como “advento de novas formas de comunicação” (RECUERO, 2012, p. 123) constituída dentro das redes sociais *online*, que permite aos interagentes serem “capazes de ‘navegar’ pelas conexões dessa rede” (p.123). Quer dizer, essas conversações são reconhecidas por transitarem por vários sites de redes sociais sofrendo interferências dos interagentes, mesmo dos que “não estão sequer conectados aos participantes iniciais” (idem).

Apreende-se, ainda, essa conversação como fenômeno do cotidiano. Prova disso é a popularização do “caso Fernanda Ellen” no Facebook devido ao compartilhamento

³ RALEIRAS, Mónica. Recensão da obra “A vida no ecrã. A identidade na era da internet”, de Sherry Turkle [1997]. Lisboa: Relógio d’ Água. *Sísifo/ Revista de ciências da educação*, n. 03, maio/ago. 2007. Disponível em: <<http://migre.me/fu89s>>. Acesso em 09 jul. 2013.

⁴ O Orkut, que foi descontinuado pelo Google em 30 de setembro de 2014, era um site de rede social composto de pequenos grupos que se atraíam e se vinculavam aos perfis mediante temas de interesse comum. O Orkut foi o mais popular no Brasil até meados de 2008 quando o Facebook passou a conquistar o mercado, irremediavelmente.

⁵ O termo interagente emana da ação (ou relação) que acontece entre os participantes. Interagente, pois, é aquele que age com outro (PRIMO, 2003).

de *posts* que culminou na organização de uma passeata em solidariedade à família da menina. Essa manifestação pedia “Paz na cidade” conforme será abordado mais adiante, na análise dos *posts*.

O fenômeno dessa conversação aponta, além disso, para o encontro (GOFFMAN apud GIDDENS, 2009) na condição de copresença. Assim, propõe-se a discussão da conversação em rede que migrou do virtual para a copresença física, sobretudo porque um perfil de um indivíduo num Facebook, por exemplo, quando desconectado continua no espaço digital (RECUERO, 2012). Portanto, um *post* no Facebook que migrou para o Twitter e culminou numa passeata poderia ser considerado efeito da conversação em rede? É o que se pretende observar nessa pesquisa.

Não obstante, faz-se necessário entender o “caso Fernanda Ellen”. Em 08 de abril de 2013 dá-se o desfecho do desaparecimento de Fernanda Ellen Miranda Cabral de Oliveira, 11 anos, na cidade de João Pessoa, capital da Paraíba. A notícia do seu desaparecimento circulou cerca de três meses no Facebook. *Posts* que continham sua imagem foram incessantemente compartilhados nesse site.

O desaparecimento ocorreu quando Fernanda se encaminhava à escola a fim de confirmar uma nota que lhe garantiria a aprovação em matemática. No decurso, após quase três meses, a população mobiliza-se e no dia 05 de abril um grupo sai em passeata com faixas e *banners* com o lema “Paz na cidade”, requerendo uma posição da justiça sobre o caso.

A mídia de massa investe na audiência, paralelamente, divulgando notícias e matérias em telejornais locais e jornais impressos. O compartilhamento das postagens no Facebook continua. As “expressões de cidadania e democracia”⁶ marcam algumas experiências de interação virtual mediadas⁷. Esse SRS reflete, então, o despertar da população que compartilhou links, foi às ruas em passeata pedindo Paz e se comoveu ao tomar conhecimento do desfecho do caso, tanto pelos jornais impressos e telejornais quanto pelo contexto do digital, via conversação em rede.

Assim, após três meses do desaparecimento de Fernanda a polícia desvenda o caso: a menina que fora sequestrada em 07 de janeiro de 2013 foi assassinada por um

⁶ PAIVA, C.C. Redes sociais, afetos privados e razões públicas. **Correio da Paraíba**, Opinião, A6, João Pessoa, 26 jun. 2013.

⁷ Disponível em: <www.facebook.com>.

vizinho que morava a apenas 16 passos da sua casa. Esse indivíduo escondeu o corpo da menina embaixo da sua cama por três dias. Logo após, o enterra no quintal da sua casa.

Desse modo, devido à repercussão do caso analisou-se a conversação no Facebook fortalecida pela persistência dos compartilhamentos dos *posts*, sobretudo a partir dos seus laços⁸ fracos (RECUERO, 2012).

Nessa perspectiva, este artigo está estruturado sobre três pilares: o primeiro é o composto pelas matrizes teóricas abordadas na pesquisa. O segundo refere-se ao análise dos *posts* e por fim, o pilar das considerações finais que se dá a partir da análise dos resultados.

1 Matrizes teóricas

Segundo Sherry Turkle (1997 apud JULIO, 2005)⁹ o computador seria um espelho do nosso *self*¹⁰; sobretudo, o meio de entrarmos em contato com outros *selfs*. Quer dizer, essa interação mediada apresenta resultados positivos entre as representações virtuais mais conhecidas como perfis, uma vez que sempre existirão sujeitos conectados em determinado momento, com perspectivas semelhantes, tais como a simples vontade de abordar determinado assunto, por exemplo. Assim, observa-se que as comunidades virtuais e numa extensão maior as redes sociais *online* agrupam pessoas que buscam as mesmas necessidades, naquele encontro.

Fazendo um breve retorno ao fenômeno social denominado cibercultura (LEMOS, 2008) entende-se que esse manifesta-se como a cultura da fala e da escrita, de forma ampla¹¹. Essa cultura digital tanto favorece ao interagente uma comunicação mediada pelo computador (CMC)¹² quanto lhe possibilita (PRIMO, 2003) pertencer a determinado agrupamento virtual, considerando a sua forma de pensar, escrever, narrar e compartilhar conteúdo verbal e não-verbal.

⁸ “O laço é a efetiva conexão entre os atores que estão envolvidos nas interações. Ele é resultado, deste modo, da sedimentação das relações estabelecidas entre agentes” (RECUERO, 2009, p. 38).

⁹ Disponível em: <<http://migre.me/fu89s>>. Acesso 09 jul. 2013.

¹⁰ Segundo Mead (apud GIDDENS, 2009, p. 49) o “*self* como mim” se “constitui mediante o discurso do outro”.

¹¹ Palestra ministrada por André Lemos. Disponível em: <<http://migre.me/eVabi>>. Acesso em: 04 jun. 2013.

¹² “A CMC é um conceito amplo aplicado a capacidade de proporcionar trocas entre dois interagentes via computadores” (RECUERO, 2012, p. 24).

Por isso, dentre três princípios-chaves assinalados por André Lemos¹³ (informação verbal) observa-se o da conexão generalizada e aberta devido a sua possibilidade de ampliar uma fala num ambiente de privacidade semipública¹⁴. E os SRS's favorecem essa ampliação, pois “são os espaços utilizados para as expressões das redes sociais, na internet [que] possuem mecanismos de individualização; mostram a rede de cada ator de forma pública e possibilitam que os mesmos construam interações, nesses sistemas” (RECUERO, 2009, p. 102 - 103).

Ainda, sobre esses espaços de expressão na ambiência digital, Giddens (2009, p. 433) aponta que “na era moderna são possibilitados contatos mediados, que permitem algumas das intimidades de copresença pelas comunicações eletrônicas [...]”; assim, poder-se-ia ampliar esses contatos na pós-modernidade entendendo os grandes agrupamentos via sites de redes sociais no contexto do ambiente digital por meio do “estar-junto” (MAFFESOLI, 2009), cujo “sentimento do efêmero” (p. 47) é uma forma da sociedade se expressar.

Recuero (2012) aponta que estão nos sites de redes sociais as ambiências mais favoráveis para a ocorrência dessa conversação, uma vez que “é nessas ferramentas que surgem as condições necessárias” (p. 124); quer dizer, essas conversações começariam entre pequenos grupos e mediante compartilhamento, por ex., ampliam seu alcance para vários sites de redes sociais.

Faz-se importante apreender, também, que, segundo Recuero (2009), esses encontros e agrupamentos são estribados pelos laços fracos, pois esses é que amalgamam a conversação, sobretudo, porque os compartilhamentos dos *posts* acontecem pelos interagentes pertencentes a esses laços. “A força de um laço é uma combinação [...] da quantidade de tempo, intensidade emocional, intimidade [confiança mútua] e serviços recíprocos [...]” (GRANOVETTER, 1973 apud RECUERO, 2009, p. 41), contudo “aquelas pessoas com quem se tinha um laço mais fraco eram justamente importantes porque conectariam vários grupos sociais” (RECUERO, 2004, *online*). Desse modo, esses laços que caracterizam as relações das redes sociais *online* não traduzem

¹³ Os três princípios-chaves, segundo André Lemos, são: 1) Liberação da emissão; 2) Conexão generalizada e aberta e 3) Reconfiguração cultural, mediante palestra ministrada por esse. Disponível em: <<http://migre.me/eVabi>>. Acesso em: 04 jun. 2013.

¹⁴ Que requer do interagente “cadastro ou participação” (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2012, p.21).

proximidade e intimidade, mesmo assim, são considerados importantes, pois são os que conectam os grupos nas redes sociais.

Alex Primo (2013, p. 30) assera, ainda, que a conversação “que se passa entre os sujeitos, entre o interagente humano e o computador” pode proporcionar interação e que os atores se utilizam da conversação para “ter acesso [...] [ao] apoio social” (p. 56), por exemplo. Assim, lançou-se um olhar sobre essa, sobretudo porque agregou pessoas em torno do digital e expandiu-se para o local, na cidade João Pessoa.

Portanto, a repercussão dos *posts* envolvendo o “caso Fernanda Ellen”, no Facebook, a princípio, denotava compartilhamentos corriqueiros contendo imagens de desaparecidos que são encontrados, muitas vezes, antes mesmo do *post* parar de circular na rede. Nesse caso, no entanto, essa persistência das postagens parece ter gerado na sociedade um sentimento de cobrança às autoridades, potencializando nas pessoas a necessidade de se mobilizarem em passeata por alguns trechos da cidade; quer dizer, esse compartilhamento levou a população, também, a uma “interação em condição de copresença” (GIDDENS, 2009, p. 42) como se verá na análise das postagens mais adiante.

Esse ajuntamento é “pela vontade de estarem juntos” (LEMOS, 2008, p. 85), de compartilharem juntos, vede, por ex., que foi pela via da persistência do compartilhamento dos *posts* que se divulgou tanto a notícia do seqüestro da menina quanto o desfecho do caso. Essa percepção de uma nova experiência estética, que acompanha uma espécie de mover da multidão, que perpassa o *religare* ou a ideia do reagrupamento, considera o homem não mais isoladamente, mas em tribos, em novas tribalizações – “neotribalismo”.

Assim, essas interações sociais, nesse ambiente digital seriam, concomitantemente, entendidas nesse artigo pelo nível da socialidade partindo do conceito do sociólogo Michel Maffesoli que indica a saturação e o fim dos grandes sistemas e das macroestruturas (MAFFESOLI, 1998). Essa interação se organiza pelo sensível, como maneira de expressão social (ídem, 2005).

2 Metodologia

A internet se caracteriza, principalmente, pelo exercício da interatividade, e é esse veio teórico-metodológico que servirá de base para o enfoque da interação no contexto do “caso Fernanda Ellen”.

Cláudio Paiva¹⁵ aponta que o Facebook expressa novas “formas comunicativas do habitar”, uma vez que juntamente com outros sites de redes sociais “atestam vetores de perplexidade e indignação, assim como estratégias discursivas, sociotécnicas, estéticas, cognitivas, ético e políticas”. Nessa compreensão é evidente perceber que é nessa ambiência que se caracteriza a ampliação, no sentido de maior velocidade em menor tempo, da divulgação dos assuntos que se queira discutir, bem como da informação que se queira divulgar, com necessidade de retorno em menor tempo.

Assim, para análise desse fenômeno comunicacional observa-se o nível metodológico da fenomenologia¹⁶ e o procedimento teórico adotado é no nível qualitativo. No decurso, a partir de uma leitura flutuante observou-se os *posts* que estruturariam a repercussão do caso, na rede e a partir daí efetua-se uma análise dessas postagens. Para tanto, a partir dessa análise, observou-se um quadro teórico contendo as palavras-chave. Considera-se, assim, a interação como ponto de partida da análise desses *posts* e seus comentários. Os materiais para pesquisa são postagens com imagens da menina retiradas de alguns sites de redes sociais, tais como o Facebook, Twitter e o blog; contudo o local da pesquisa é a internet.

2.1 Análise dos *posts*

Para análise da conversação em rede, neste artigo, categorizou-se um total de cinco *posts* sendo:

- a) três do Facebook;

¹⁵ PAIVA, C.C. Redes sociais, afetos privados e razões públicas. Correio da Paraíba, João Pessoa, 26 jun. 2013. Caderno Opinião, p. A6.

¹⁶ “Husserl falou da ‘redução fenomenológica’. Através desta, [...] o fenômeno se apresenta puro, livre dos elementos pessoais e culturais, chega-se a um nível dos fenômenos que se denomina das essências. Desta maneira, a fenomenologia apresenta-se como um ‘método’ e como um ‘modo de ver’ o dado” (TRIVIÑOS, 1987, p. 42).

- b) um do Twitter e
- c) um do blog.

O intuito ao organizar essas amostras foi demonstrar a migração da conversação sobre o “caso Fernanda Ellen” entre os sites de redes sociais elencados.

Na Figura 2.1.1, o *post* é do SRS Facebook com a imagem da menina, até então dada como desaparecida. Observa-se, também, nessa postagem informações sobre horário de desaparecimento de Fernanda, um número de telefone para contatar com a mãe da menina, e um apelo ao final: “A mãe dela está desesperada”. O *post* obteve quase três mil compartilhamentos no mesmo dia em que foi lançado.

Figura 2.1.1 - 1º *post* compartilhado sobre o caso Fernanda Ellen



Fonte: <http://migre.me/fl2Tz>

Figura 2.1.2 - Efeitos da conversação em rede: migração para o *Twitter*



Fonte: <http://migre.me/ftDsS>

Na Figura 2.1.2 há um registro da conversação que migrou para outra ferramenta. O *post* migra de um perfil do Facebook para o Twitter¹⁷ e, nesse, a autora da postagem pede que seus quase 1300 seguidores retuitem ou compartilhem a imagem, pois sua expectativa é a de que esses continuem retuitando a postagem.

Desse modo, entende-se que um perfil eletrônico que migra a conversação de uma ferramenta para outra estaria inserido na conversação em rede. No entanto, é imprevisível deprender até onde chegará essa postagem, contudo é possível entender que a continuidade do compartilhamento, que caracteriza essa conversação, é relevante para essa análise. Portanto, uma vez que há interferências dos interagentes nesse processo de migração pelas “conexões”¹⁸ estabelecidas entre os atores” visando se espalharem “pelos outros grupos” (RECUERO, 2012, p.122) se compreende que para onde migrou seria mais relevante do que quem compartilhou.

Assim, a conversação em rede apresenta as características de poder ser recuperada tanto pelo perfil que a postou quanto pelos membros de outros grupos, bem como tornar públicas “as relações sociais construídas entre os interagentes” (RECUERO, 2012, p. 126).

Figura 2. 1. 3 - Convocação para mobilização popular



Fonte: <http://migre.me/fu93w>

¹⁷ Disponível: <www.twitter.com>.

¹⁸ “São os elementos mais complexos dessas redes [...] são elas que unem os atores em grupos sociais” (RECUERO, 2012, p. 129).

Na Figura 2. 1. 3, um recurso popular do Facebook¹⁹ conhecido como “evento” permite convidar os contatos do perfil ou do grupo em que esse está inserido, para encontros em copresença física.

Numa breve descrição, a interface desse recurso apresenta uma capa, título do evento e logo abaixo o nome do anfitrião²⁰. Observa-se, ainda, os *plug-ins* “participar”, “talvez” e “aceitar” ao lado direito, no canto superior da página os quais o convidado aciona confirmando, deixando em aberto ou não confirmando a presença, respectivamente. Esse recurso possibilita o anfitrião deter certo controle sobre a quantidade de convidados que deverão estar presentes. Aparentemente, não oferece link para convidar perfis de outros sites de redes sociais.

Destarte, por que elencamos esse *post*? Por causa do objetivo do evento: agregar encontros migrando do digital para a copresença física, o que para esta pesquisa está caracterizado como efeito da conversação em rede.

Figura 2.1.4 - Mobilização popular



Fonte: <http://migre.me/ftDvk>

E é o que se observa na Figura 2.1.4 que apresenta a imagem de pessoas que compareceram à passeata. Nessa, há um grupo com sacos de TNT pretos sobre a cabeça segurando uma faixa com a seguinte frase: “Onde está Fernanda Ellen?”

Segundo um dos idealizadores desse evento, o jornalista Henrique França, nessa imagem fotográfica estão 11 adolescentes encapuzados como forma de protesto. Esses

¹⁹ Disponível em: <<http://migre.me/fI0Dk>>. Acesso em: 15 jul. 2013.

²⁰ O anfitrião é o criador do evento - quem cria um evento é automaticamente listado como anfitrião. Os anfitriões podem convidar mais pessoas para o evento, nomear outros anfitriões e editar os detalhes do evento. Inclusive “qualquer anfitrião pode adicionar mais anfitriões a um evento” (idem).

fazem referência, a princípio, a que não ficasse no esquecimento o rosto da menina e, num segundo momento, à idade de Fernanda que tinha onze anos.

Entende-se, assim, que essa passeata seria efeito da “interação da circunstância em copresença” (GIDDENS, 2009, p. 42); isto é, para Giddens os sistemas sociais, em sua característica de serem variáveis, “expressam-se e são expressos na rotina da vida social cotidiana, mediando às propriedades físicas e sensoriais do corpo humano” (ídem). Assim, esse encontro em copresença física ocorrido pela via da mobilização no digital não ergueu barreiras, sobretudo, quando o tempo-espaço ressignificado é fundamental na produção e reprodução dessas relações. Pelo contrário, a mobilização via convocação virtual fora um efeito da conversação em rede, que foi apropriada na relação em copresença física.

Figura 2.1. 5 - Repercussão após o desfecho do “caso Fernanda Ellen”



Fonte: <http://migre.me/ftDwf>

A última imagem se refere à Figura 2.1.5 cuja conversação migrou para o blog. Essa ferramenta é categorizada como pessoal²¹, uma vez que resulta de uma produção pessoal ou individual, segundo Primo (2008 apud MARTINS; PAIVA, 2010). Esse espaço, em outras palavras, aponta para a principal motivação do blogueiro que é a de querer comunicar-se. O texto postado expressa a indignação do autor do blog por tamanha violência praticada contra uma criança, bem como a sensação de “medo e impotência mediante a violência”.

²¹Partindo da classificação de Primo que indica que “os *blogs* estão categorizados em quatro gêneros: profissional, pessoal, grupal e organizacional” (2008 apud MARTINS; PAIVA, 2010).

Portanto, esse *post* foi observado como efeito da conversação em rede já que o seu autor possui perfil no Facebook, inclusive foi por meio desse que o mesmo divulgou o link do seu blog.

Considerações finais

Quando se está conectado perde-se a noção de tempo e espaço pelo simples fato de poder estar em qualquer lugar a qualquer hora sem sair da sala, por exemplo (SODRÉ, 2007, *online*). Assim, pode-se compreender que a comunicação mediada pelo computador favorece uma interação social partindo da relação homem-máquina no que tange a necessidade de compartilhar informação uns com os outros estando esses próximos ou distantes, em fusos horários iguais ou distintos.

Nessa perspectiva, o veio da análise deste artigo, grosso modo, perpassa a pesquisa para a dissertação de mestrado quando observou o comportamento da sociedade por meio do ambiente virtual. No caso da menina Fernanda Ellen, tratou-se de um episódio trágico que foi promovido e popularizado na internet devido à velocidade da circulação das informações, apontando para o conceito de tempo-espaço que está em processo contínuo de mudança.

Apesar dessa notícia ter ganhado destaque na mídia de massa – via jornais impressos e telejornais – foi a partir da popularização do fato pelos sites de redes sociais que deu-se o enfoque deste artigo. A pesquisa aproximou-se do veio da conversação em rede, investigando o compartilhamento de *posts* a partir do Facebook, migrando para outros sites como o Twitter e o Blog, sobretudo porque a repercussão de um caso que tinha tudo para ser mais um boato era uma história real e, infelizmente, com um desfecho final trágico.

A persistência (RECUERO, 2012), característica desses compartilhamentos que alonga as postagens ao longo do tempo trouxe a lume, ainda, movimentos envolvendo a sociedade e, conseqüentemente, o Estado, uma vez que se cobrava desse uma resposta à sociedade pelos três meses de desaparecimento da menina. Assim, a conversação no “caso Fernanda Ellen” é um efeito da interação social mediada pelo computador que promoveu o encontro em copresença física e que demonstra a comunicação mediada pelo computador como amálgama do cotidiano e a realidade das sociedades urbanas

contemporâneas. Desse modo, essas conversações para o bem e muitas vezes para o mal produzem e são produtos dessas interações sociais.

No decurso dessa linha de pensamento o cotidiano, assim, traduz-se num grande abarcador de fenômenos comunicacionais em suas relações com a sociedade. Sobretudo, nessas relações mediadas cujos agrupamentos *online* proporcionam novas aberturas de comunicação pela via do compartilhamento, efeito da conversação em rede. E tudo isso é permitido observar pela socialidade, interação social cujas características agregam o presenteísmo, ajuntamentos fluídos e emocionais conforme o conceito de socialidade apontado pelo sociólogo francês Michel Maffesoli.

Portanto, hoje sofremos pelo excesso de informação, segundo Erick Felinto (2007, *online*), e esse contraria a lógica da história das civilizações caracterizada pela raridade da informação. Assim, ao analisar a comunicação mediada pelo computador, por meio do compartilhamento nos sites de redes sociais, faz-se necessário pensar sua utilização como no “caso Fernanda Ellen”. A repercussão desse caso ocorreu por conta da população conectada participar com o que tinha em mãos: a tecnologia digital e a solidariedade.

No entanto, mesmo que, ainda, obscura para muitos, os sujeitos participaram e colaboraram como membros de uma mesma lógica horizontalizada. Assim, relevante será a partir da análise dos *posts* incentivar haver informação que gere comunicação entre as pessoas, mas sem excessos.

Referências

ANDRIOLA, Tyane. A audiência de vcs é muito alta, nós ajudem por favor, divulguem a foto de Fernanda. João Pessoa, 10 jan. 2013 às 04:08. Twitter: @TyAndriola. Disponível em: <<http://migre.me/ftDsS>>. Acesso: 15 jul. 2013.

_____. **Facebook**. Mensagem enviada por Tyane Andriola. Postado em: 07 jan. 2013 às 22:19. Disponível em: <<http://migre.me/fI2Tz>>. Acesso em: 15 jul. 2013.

AZEVEDO, Karla. **Facebook**. Mensagem enviada por Onde está Fernanda Ellen? Postado em: 30 mar 2013 à 00:56. Disponível em: <<http://migre.me/ftDuI>>. Acesso em: 15 jul. 2013.

FELINTO, Erick. Videotrash: o youtube a cultura do “spoof” na internet. **COMPÓS**, Belo Horizonte, 2007. Disponível em: <<http://migre.me/fu93w>>. Acesso em: 15 jul. 2013.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulinas, 2012.

FRANÇA, C. H. **Facebook**. Mensagem enviada por Carlos Henrique. Postado em: 05 abr 2013 à 11: 37. Disponível em: <<http://migre.me/ftDvk>>. Acesso em: 15 jul. 2013.

FRANÇA, Henrique. **Fernanda Ellen e o grito surdo da dor**. 2013. Postado em: 09 abr. 2013 no Blog #CotidianaMente. Reflexões sobre o mundo e um pouco mais... Disponível em: <<http://migre.me/ftDwf>>. Acesso em: 15 jul. 2013.

GIDDENS, Anthony. **A constituição da sociedade**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Ed. Aleph, 2009.

JÚLIO, B. G. O. Identidade e interação social em comunicação mediada por computador. **BOCC - Biblioteca on-line de ciências da comunicação**, Lisboa, 2005. Disponível em: <<http://migre.me/fu7Pk>>. Acesso em: 14 jul. 2013.

LEMOS, André. **Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulinas, 2008.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

_____. **O mistério da conjunção**. Ensaios sobre a comunicação, corpo e socialidade. Porto Alegre: Sulinas, 2009.

MARTINS, A. V.; PAIVA, C.C. Legitimidade na Blogosfera: da Liberdade de Expressão à Monetização Comunicativa. **Revista Eletrônica Temática**: Paraíba, ano 6, nº. 01, jan. 2010. Disponível em: <<http://migre.me/fHJiD>>. Acesso em: 15 jul. 2013.
O QUE É CIBERCULTURA? Educared. 1 post (5 min 54s). Postado em: 2010. Disponível em: <<http://migre.me/eVabi>>. Acesso em: 04 jun. 2013.

PAIVA, C.C. Redes sociais, afetos privados e razões públicas. **Correio da Paraíba**, Opinião, A6, João Pessoa, 26 jun. 2013.

PRIMO, A. F. T. **Quão interativo é o hipertexto? Da interface potencial à escrita coletiva**. São Leopoldo: Fronteiras: Estudos Midiáticos, v. 5, n. 2, 2003.

_____. **Interações em Rede**. Porto Alegre: Sulinas, 2013.

RALEIRAS, Mónica. Recensão da obra “A vida no ecrã. A identidade na era da internet”, de Sherry Turkle [1997]. Lisboa: Relógio d’Água. **Sísifo/ Revista de ciências da educação**, n. 03, maio/ago. 2007. Disponível em: <<http://migre.me/fu89s>>. Acesso em: 09 jul. 2013.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulinas, 2009.

_____. **A conversação em rede: Comunicação mediada pelo computador e redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulinas, 2012.

_____. Redes sociais na internet: considerações iniciais. **BOCC - Biblioteca on-line de ciências da comunicação**, Lisboa, 2004. Disponível em: <<http://migre.me/fu8I0>>. Acesso em: 15 jul. 2013.

SODRÉ, Muniz. Sobre a episteme comunicacional. **Matrizes**, n. 01, 2007. Disponível em: <<http://migre.me/fu9zT>>. Acesso em: 09 jul. 2013.

TRIVIÑOS, A. N. S. Três enfoques na pesquisa social – positivismo, fenomenologia, dialética. In. TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução a pesquisa em Ciências Sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987, p. 41-74.